

Continuo cem por cento da Frelimo

— afirma Matata Bombarda, primeiro guarda-costas de Eduardo Mondlane

ATANÁSIO DIMAS

Matata Bombarda Tembe, 66 o seu nome. Tem 60 anos de idade, dez dos quais passados nas masmorras da PIDE/DGS.

É casado e pai de cinco filhos, um dos quais (uma mulher) nasceu precisamente a 25 de Junho de 1975. Foi o primeiro guarda-costas de

vive, para deixá-la para os filhos. Mas pagaria com o quê?

Matata Bombarda Tembe é natural de Maputo (Chamanculo). Saiu desta cidade em 1957, em demanda de trabalho na África do Sul. Não ficou lá muito tempo, pois no ano seguinte abandonou este

tir aos seus comícios, reuniões" diz-nos, para acrescentar que foi a partir daqui que ele e seus compatriotas ganharam consciência de que também deviam fazer algo pela libertação do seu próprio país.

A conselho de Joshua Nkomo, Bombarda e seus companheiros decidiram então ir para a Tanzânia, pois ali havia melhores condições para desenvolver o trabalho político, uma vez que já estava instalado um governo de transição, nas palavras do nosso entrevistado.

Joshua Nkomo deu-nos uma carta, facilitou-nos o transporte para Lusaka, onde o grupo se apresentou ao Presidente Kenneth Kaunda. Alguns foram enviados imediatamente para Dar-es-Salaam, mas Bombarda permaneceu na Zâmbia até 1961.

Já na Tanzânia, Bombarda junta-se a outros jovens que já haviam criado associações políticas que senão os embrões do MANU e da UDENAMO. Mas tarde apareceu o UNAMO e os três juntos, após a chegada de Mondlane, formaram a Frente de Libertação de Moçambique.

Unificar os três movimentos não foi fácil. Alguns estavam contra. Depois, com a chegada de Mondlane, uns acusavam-no de ser americano, diziam que estava ali para fazer o trabalho dos americanos... Já sabe... Naquela fase era tudo "abaixo imperialismo, abaixo capitalismo..." e todos estavam um pouco inclinados para o comunismo.

Uma vez formada a FRELIMO e dado que se tornava impossível o diálogo com o Governo português, decidiu-se pela luta armada. Conseguida bolsa do Governo argelino, o primeiro grupo de moçambicanos partiu para a Argélia, no dia 23 de Janeiro de 1963, para treino militar. Eram 50 homens, comandados por Filipe Samuel Magaia e dos quais fazia parte Bombarda. O actual Secretário-Geral da Frelimo, Feliciano Gundana, integrava o grupo.

Este grupo voltou para a

Tanzânia seis meses depois, criando o campo de preparação político-militar de Baganoyo. Bombarda foi um dos primeiros instrutores a trabalhar em Baganoyo, até que foi indicado para trabalhar como guarda-costas de Eduardo Mondlane, na sua residência.

PREPARA-SE O TERRENO

Mais tarde, houve a necessidade de enviar pessoas cá para o sul, para recrutar mais gente. Nesse tempo não havia muita gente do sul. Pessoas do sul que estavam lá, lembro-me do Lopes Tembe, José Covane e poucas mais, elucidá-los o nosso interlocutor. Estava-se em 1964.

Não havia nesta decisão nenhuma motivação tribal. Simplesmente, já havia sido decidido o desencadeamento da luta armada e pretendia-se que ocorresse em simultâneo, no mesmo dia, de norte a sul do país. Era, pois, necessário criarem-se as condições para tal, explorar as condições no terreno e recrutar pessoas com quem contar no "momento da verdade".

Bombarda trabalhou do lado zimbabueano da fronteira, explorando partes das províncias de Manica e Gaza. Demorámos. Tínhamos que falar com as pessoas, essas pessoas tinham que nos acompanhar até ao interior do país, tudo isso no mato, não nas villas.

Regressado a Dar-es-Salaam, Bombarda recebe nova missão, desta vez como "agente de ligação", para transportar as informações da Rodésia para a Zâmbia, de onde outro camarada as levaria para a Tanzânia.

Mas desta vez não tivemos sorte. Quando viram que aquilo estava pesado, a PIDE estava muito forte na Rodésia, decidiram iniciar a luta enquanto nós ainda estávamos a fazer o trabalho. É quando nos mandam para o trabalho, porque as condições não estavam cria-

das para começar no mesmo dia em todo o país, afirma Matata Tembe.

É quando está a regressar para a Tanzânia que Bombarda é preso pela Polícia rodésiana, que já tinha informações da PIDE sobre a existência de infiltrados. Outros companheiros seus foram presos no interior de Moçambique. Vieram encontrar-se todos na cadeia da Machava.

Quando estes presos políticos não escondem ao regime colonial que são da FRELIMO, que receberam treino militar em vários países, a PIDE decide então utilizá-los como material de propaganda. Publica os seus nomes, apelidando-os de terroristas e contando verdades e mentiras sobre eles. Só que, segundo o nosso interlocutor, o efeito foi precisamente o contrário. Aquilo deu força a muita gente, cá no sul, para fugir para Dar-es-Salaam. Hoje, alguns são ministros, através da publicação da nossa prisão, o que muitos não reconhecem.

Bombarda permaneceu na cadeia até depois da assinatura dos Acordos de Lusaka.

Após a independência, Bombarda ficou em Maputo a trabalhar no partido, até que foi enviado para Manhica, como administrador do posto na Ilha Josina Machel, já em 1983. Enfrentou ali a guerra movida pela Renamo — a sua casa chegou a ser cercada por duas vezes — até que foi reformado, em 1990.

Agora estou parado, porque não tenho dinheiro. Se tivesse dinheiro estaria a trabalhar. Tenho muitas ideias, mas ninguém me abre as portas. Tenho uma licença de importação e exportação, tenho licença de armazenista, mas a sua exploração requer dinheiro, adianta.

Perguntámos a Bombarda se, com o apoio da Associação dos Antigos Combatentes, não seria possível obter o apoio de que necessita. A resposta foi: Não! Aquilo ali é preciso ter um amigo e esse amigo tem que ser grande.

Diz ter tido um projecto de machamba. Andei a bater portas, até que lá conseguí uma motobomba, na Direcção Provincial de Agricultura. Mas não queria só motobomba, queria tudo. Queria carrinha, queria tractor, mas disseram que só me podiam dar a motobomba. Eu disse não.

TRABALHO COM MONDLANE

Quisemos saber de Bombarda a sua experiência de trabalho junto do falecido Presidente Eduardo Chivambo

Mondlane. A sua resposta foi: Ai não há muito a contar, porque guarda-costas é guarda-costas, não tem muitas conversas com os grandes.

Mesmo assim, Bombarda afirma que mas ele tinha que ter conversas comigo, porque eu vinha da UDENAMO e conhecia muitos quadros importantes daquele movimento. Ele precisava de muitos quadros para a FRELIMO, porque não havia muitos quadros nesse momento.

Explica que parte dos membros da UDENAMO não queria trabalhar com Mondlane, mas ele, como homem de muita experiência, tentava ganhar aquelas pessoas. Então, às vezes convidava-me para conversarmos sobre aquelas pessoas, para saber quais é que podíamos aproveitar. Isso perguntava-me a mim, como até podia perguntar a outras pessoas. Penso até que perguntou a outras pessoas.

Bombarda era como que da "oposição" dentro da UDENAMO. As coisas não andavam direito, porque o próprio presidente, Adélino Guambe, tinha juízo de criança, ainda não havia pessoas com idade para assumir as funções de um líder do movimento. É verdade que muitos países africanos apoiavam, viam como uma novidade um mlúdo daqueles a falar de Moçambique e da sua libertação. Era importante, mas estava a falhar muitas coisas. Ele nem queria saber, bastava chegar alguém ele mandava-o representar a UDENAMO no país "xis", quando a pessoa nem os estatutos da UDENAMO conhecia.

De acordo com Bombarda, quando Mondlane chegou a Dar-es-Salaam, o Adélino Guambe fugiu, porque não queria trabalhar com Mondlane. Havia também o David Mabunda, um bom quadro mas que não aceitou ir para a FRELIMO; o Paulo Gumane, que era um quadro, um pouco ambicioso e que esteve na FRELIMO; o Albino Machalele e o Guldeon Mahluza, que foram de vez.

No que lhe diz respeito, Bombarda nunca teve problemas com Mondlane. É verdade que os portugueses o estavam a caçar, nós víamos, mas eles não podiam fazer nada. Estávamos ali para defendê-lo. O que ficou a suceder foi na minha ausência, quando estava preso. Podia ter sucedido na minha presença. Não quero dizer



Eduardo Mondlane, logo após fundação da Frente de Libertação de Moçambique. Fez parte do primeiro grupo de 50 moçambicanos enviados pela FRELIMO para a Argélia, para receber treinos de guerrilha. Depois da independência, chegou a ser administrador de posto. Hoje, já reformado, vive no Alto Maé, em Maputo. Diz que continua "cem por cento da Frelimo". Entre outras coisas que gostaria de fazer: receber a compra da casa onde

país e foi procurar melhores condições na Rodésia. Lá trabalhou dois anos.

Em 1960, Bombarda (é mais conhecido por este nome) juntou-se a outros moçambicanos na Rodésia, como o Adélino Guambe, o David Chambal, Aurélio Bucuane, Albino Machalele, José Covane e outros, alguns dos quais estavam desempregados.

Éramos "doentes" do Joshua Nkomo. Íamos assis-

que eu teria evitado, porque atentado é atentado.

AS AMARGURAS DE UM EX-COMBATENTE

Bombarda é hoje um homem amargurado mas, ao mesmo tempo, conformado

com a sua sorte. Segundo ele, benefício já não espero. Benefício foi a independência e... pronto, acabou.

Não deixa, contudo, de achar que os antigos combatentes mereciam melhor sorte.

"Eu não sei, porque não sou muito político, se é assim que

um partido, depois da independência, deve tratar os seus quadros. Nós somos membros fundadores da Frente de Libertação de Moçambique. Entre os meus amigos que participaram na luta ninguém me pode falar dos benefícios que teve. Depende da sorte de cada pessoa. Não há uma linha traçada que escalone: primeiro este, segundo aquele, terceiro... Vive quem puder. Lá na Secretaria de Estado dos Antigos Combatentes ninguém te conhece. Entre nós não nos conhecemos: O partido não faz com que nos conheçamos. Penso que o partido devia ter um ficheiro, para saber onde está o fulano, o sicrano, para quando precisar. Talvez seja a tal política de primeiro no sacrifício, último no benefício".

Bombarda diz que, por

exemplo, agora, nos 20 anos da independência, poder-se-ia ter organizado qualquer coisa com os antigos combatentes. Poder-se-iam ter organizado convívios, mesmo que cada um trouxesse a sua marmitta de casa, espectáculos, encontros diversos. Por exemplo, nós que estivemos na cadeia podíamos fazer teatro sobre o que se passou na cadeia.

Entre outros "erros" cometidos pela Frelimo, Bombarda aponta o facto de o partido ter desprezado a religião. Diz que uma das falhas da FRELIMO foi chegar aqui e dizer que não há Deus, não existe nada, é aldrabice. Mas tudo isso era política comunista. Podemos ver hoje que todo o miúdo nascido de 75 para cá não teve educação nenhuma. Ia à escola mas não tinha igreja, não havia

Deus. Isso tudo estragou uma parte da política da FRELIMO. Hoje, estamos tendo muito trabalho para endireitar esses miúdos. Também o inimigo introduziu drogas, para destruir aquilo que a gente queria fazer. Então, nunca podemos avançar. Depois, a guerra também não permitiu à FRELIMO movimentar-se.

Quanto à mulher, diz que foi muito beneficiada. Hoje a mulher tem um passo muito avançado. Em comparação com a mulher, o homem fica muito atrás. A mulher tem emprego, tem empresas, tem indústria, tem muita coisa. Está melhor que o homem. Tudo isso graças a quem? Ao Partido FRELIMO.

Passando para outra questão, perguntámos a Bombarda o que é que mais gostaria de

ver o nosso Governo fazer, para bem das populações. A resposta foi a de que se o Governo conseguisse algum dinheiro deveria tentar construir bairros decentes, acabar com estas latas. Eu vi em muitos países africanos, os governos constroem casas para as populações, pagam aos poucos e assim facilitam a vida de muita gente.

Já a terminar a nossa conversa, Bombarda fez questão de vincar que continua cem por cento da Frelimo. Afirma que muita gente pode falar mal dos ex-presos políticos, mas não há nenhum que se desviou da linha política da Frelimo, que esteja nestes partidos da oposição. Toda a gente continua firme. Ninguém está contra a Frelimo.

